



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA



LÍNGUA INGLESA: A ORIGEM HISTÓRICA DESTA DISCIPLINA CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

IZABEL DA SILVA CASTRO

MAMANGUAPE - PB

2022

IZABEL DA SILVA CASTRO

**LÍNGUA INGLESA: A ORIGEM HISTÓRICA DESTA DISCIPLINA
CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:

Sandra Maria Araújo Dias

Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Araújo Dias – UFPB
Orientador/Presidente

JPOrias

Prof^a. Dr^a. Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Sandra Carla Pereira Barbosa

Prof^a. M^a. Sandra Carla Pereira Barbosa – PMCG
Membro da Banca Examinadora

MAMANGUAPE - PB

2022

LÍNGUA INGLESA: A ORIGEM HISTÓRICA DESTA DISCIPLINA CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

IZABEL DA SILVA CASTRO

Prof^a Dr^a Sandra Araújo Dias (Orientadora) – UFPB – sandra@ccae.ufpb.br Profa.

Dra. Juliene Paiva de Araújo Osias (Examinadora) – julieneosias@gmail.com Profa.

Ma. Sandra Carla Pereira Barbosa (Examinadora) – sandracpb@gmail.com

RESUMO

A língua inglesa tem sua trajetória brasileira iniciada desde o período colonial a partir das relações socioeconômicas com a coroa britânica que passou a ter cada vez mais influência no Brasil após a fuga da Coroa Portuguesa. Enquanto componente curricular, sua trajetória apresenta inicialmente um grande prestígio. Atualmente, a língua inglesa é um idioma de grande importância no cenário mundial. Seja para o mercado de trabalho, seja para o lazer, ela está presente como um grande elemento de comunicação no contexto de globalização que vivemos. Com isso, faz-se importante compreender de que maneira o ensino da língua inglesa foi institucionalizada no Brasil. Nesse sentido, a pesquisa visa analisar o processo histórico de institucionalização da língua inglesa a partir da sua inserção dentro da sociedade brasileira e em seu sistema educacional, verificando a importância que a sua influência representa, a fim de compreender de que maneira o ensino da língua inglesa foi estruturado no Brasil. Assim, foi realizada uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, a qual ocorreu mediante um levantamento bibliográfico a partir de pesquisa de artigos, teses e dissertações nas plataformas “Google Acadêmico” e nos Periódicos CAPES a partir das palavras-chave “trajetória da língua inglesa”, “disciplina escolar língua inglesa” e “currículo escolar língua inglesa”. Para isso, foi aplicado um filtro com os critérios de inclusão para a seleção dos trabalhos que atendiam o objetivo da pesquisa, foram eles: discutir como se originou a língua inglesa e como se disseminou; abordar como a língua inglesa se constituiu como disciplina no Brasil; está publicado em língua portuguesa; e compreender o período de 2010 a 2022. Foram encontrados analisados cinco trabalhos, sendo quatro artigos e uma dissertação. A partir deles, foi possível compreender como se deu todo o processo de institucionalização da língua inglesa no Brasil e as suas falhas, observando que ela se estruturou de modo que reproduz as desigualdades da sociedade, sendo viabilizada para as classes mais ricas ao passo que se apresenta com má formação para as camadas mais pobres nas escolas públicas.

Palavras-chave: Ensino da Língua Inglesa. Trajetória histórica. Institucionalização da Língua Inglesa.

ABSTRACT

The English language has had a Brazilian trajectory since the colonial period, based on socioeconomic relations with the British crown, which started to have more and more influence in Brazil after the Portuguese Crown fled. As a curricular component, its trajectory initially presents great prestige. Nowadays, English is a language of great importance in the world scenario. Whether for the labor market or for leisure, it is present as a major communication element in the globalization context we live in. Thus, it is important to understand how the teaching of the English language was institutionalized in Brazil. In this sense, this research aims at analyzing the historical process of institutionalization of the English language from its insertion in Brazilian society and in its educational system, verifying the importance of its influence, in order to understand how the teaching of the English language was structured in Brazil. Thus, an exploratory research of qualitative nature was carried out by means of a bibliographical survey of articles, theses and dissertations in the platforms "Google Acadêmico" and in the CAPES Periodicals using the keywords "trajetória da língua inglesa", "disciplina escolar língua inglesa" and "currículo escolar língua inglesa". For this, a filter was applied with the inclusion criteria for the selection of the works that met the research objective, which were: to discuss how the English language originated and how it spread; to approach how the English language was constituted as a subject in Brazil; it is published in Portuguese language; and understand the period from 2010 to 2022. Five works were analyzed, being four articles and one dissertation. From them, it was possible to understand how the whole process of institutionalization of the English language in Brazil took place and its failures, observing that it was structured in a way that reproduces the inequalities of society, being made possible for the richest classes while it is presented with poor training for the poorest layers in public schools.

Keywords: Teaching English language. Historical trajectory. Institutionalization of the English Language.

1 INTRODUÇÃO

A língua inglesa possui uma longa trajetória de transformações até se consolidar atualmente como um idioma conhecido mundialmente e com bastante influência no mundo globalizado em que vivemos. Representando a linguagem de países importantes no sistema socioeconômico global, ela tem se tornado cada vez mais difundida, sendo inserida em pequenas escalas nos demais países - a exemplo do Brasil com o processo de adoção de algumas palavras como *Ok, air bag, scanner, bike, blazer, check-in, crush, design*, entre tantas outras - e com a inserção da disciplina de língua inglesa como obrigatória no currículo da educação básica.

Sua inserção na sociedade brasileira remonta do período colonial com a influência britânica enquanto consequência da relação criada com a Coroa Portuguesa em sua fuga para o Brasil. Enquanto componente curricular, sua trajetória apresenta inicialmente um grande prestígio junto a outras línguas estrangeiras que também eram aprendidas na sociedade brasileira como o latim, o grego e o francês. À medida que os Estados Unidos foram

conquistando força de influência no cenário internacional, principalmente no período pós Segunda Guerra Mundial e com o desenvolvimento do cinema - objeto de propagação do poder estadunidense - a língua inglesa obteve ainda mais prestígio. No entanto, o Brasil, no mesmo período, a retirou do currículo escolar, o que causou o crescimento das escolas de idiomas, privilegiando as classes economicamente mais favorecidas.

Neste sentido, é possível observar que a língua inglesa é um idioma de grande importância no cenário mundial. Seja para o mercado de trabalho, seja para o lazer, ela está presente como um grande elemento de comunicação no contexto de globalização que vivemos. Dessa forma, é importante compreender como se deu o processo de institucionalização da língua portuguesa no Brasil, bem como a sua construção no sistema educacional para que, com isso, seja possível criar estratégias que contribuam para a constituição de uma disciplina de língua inglesa que sirva ao processo de formação escolar de maneira eficiente, permitindo que os alunos aprendam o idioma, sua construção histórica, sua influência globalmente e os aspectos críticos que a circundam.

Conforme previamente mencionado, a presente pesquisa visa estudar o processo histórico de institucionalização da língua inglesa a partir da sua inserção dentro da sociedade brasileira e em seu sistema educacional, verificando o papel social que esta língua representa, a fim de compreender de que maneira o ensino da língua inglesa foi estruturada no Brasil.

Para nortear a pesquisa, a pergunta problematizadora é “como se deu o processo de institucionalização da disciplina da Língua Inglesa no Brasil?”.

Sabemos que, dentro de uma sociedade com profundas desigualdades como a brasileira, direitos que podem trazer possibilidade de crescimento pessoal e financeiro tendem a ser privilégio de grupos que já possuem poder financeiro. O acesso à cultura, educação e qualidade de serviços fica comprometido para as massas que precisam se satisfazer com uma má formação que não lhe permitirá ter um bom desenvolvimento social. A língua inglesa possui relevância nos dias atuais e é de suma importância refletir sobre como ela tem se estruturado para contribuir com o desenvolvimento da sociedade.

Tendo em vista o que foi discutido e a proposta da pesquisa, o presente trabalho está organizado em quatro tópicos. O primeiro é a fundamentação teórica que aborda a formação histórica da língua inglesa, sua dimensão nos dias atuais, seu objetivo escolar e os desafios existentes para a prática docente. O segundo corresponde aos procedimentos metodológicos em que são apresentados o tipo de pesquisa, os critérios de inclusão e o resultados dos materiais sistematizados. O terceiro refere-se à apresentação e discussão dos resultados e detém a análise dos materiais da pesquisa. Por fim são as considerações finais, em que é feita uma discussão geral do que foi encontrado na pesquisa, as limitações e possibilidades futuras que ela deixa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A língua inglesa é uma língua europeia germânica ocidental que teve como palco do seu desenvolvimento histórico o que hoje é o território britânico pela influência dos povos que ali viveram no decorrer da história com a expansão do Império Romano, as invasões escandinavas e o domínio dos Normandos. É, portanto, com as intervenções dos povos que foram ocupando esse território que a língua inglesa passou por modificações, saindo do “*Old english*” para o “*middle english*”, até chegar no idioma difundido atualmente chamado de “*Modern english*” (MARTINI *et al*, 2018).

O território britânico foi por muito tempo colônia do Império Romano, aproximadamente entre os anos 43 a 449 d.C. Antes das invasões romanas, as terras britânicas eram povoadas por muitas tribos celtas. A chegada dos romanos transformou o modo de vida celta através da imposição de sua língua, suas crenças e costumes, aproximando os povos, ao mesmo tempo que acentuando as diferenças entre eles (MARTINI *et al*, 2018, p. 19).

Temendo a invasão dos visigodos em Roma, no século V, o primeiro imperador romano do Oeste, Honório, pediu a retirada das forças romanas do território britânico, o que fez com que houvesse abertura para que povos germânicos adentrar no território, inicialmente nas regiões costeiras no sul da Grã-Bretanha. É dessa fusão de povos que advém o termo “anglo-saxão”, devido ao compartilhamento de crenças, costumes e demais aspectos socioculturais dos povos anglos, saxões e jutos (MARTINI *et al*, 2018). Essa invasão marca o início do período *Old English* com as contribuições linguísticas e culturais deixadas pelos povos germânicos (MOREIRA *et al*, 2015).

As mudanças linguísticas ocorridas em uma língua viva são mais percebidas em seu vocabulário. Palavras antigas dão lugar a novos vocábulos, sem contar a mudança de significado das já existentes. Esse fenômeno incidiu também sobre o Old English, fazendo com que muito do seu antigo léxico fosse perdido (MOREIRA *et al*, 2015, p. 161).

A influência escandinava se deu pela expansão viking que estava em seu apogeu. Dotados de conhecimento naval, tinham grande facilidade em velejar pelos mares, mesmo advindos das regiões mais frias da Europa. Eles tiveram grande influência na língua inglesa a partir de trocas culturais que contribuíram para o “emprestímo” linguístico para ambas as partes, tendo em vista que cada língua possuía elementos diferentes (MARTINI *et al*, 2018).

Os anglo-saxões e os escandinavos mantinham relações culturais significativas, pois ambos possuíam uma mesma descendência, advinda de tribos germânicas. Consequentemente, o Old English, a língua dos anglo-saxões, e o Old Norse, a língua falada pelas tribos escandinavas, também compartilhavam conexões lexicais e gramaticais que facilitavam a comunicação entre seus falantes (MARTINI *et al*, 2018, p. 23).

A língua inglesa adquiriu ao longo do tempo uma grande influência internacional, devido ao destaque que os Estados Unidos tiveram ao longo do século XX até os dias atuais. Nesse sentido, com as estratégias de difusão da língua inglesa por meio do desenvolvimento da globalização, a língua inglesa se tornou um idioma de referência para a comunicação mundial.

Após séculos de extensa influência da Grã-Bretanha e do Reino Unido desde o século XVIII, através do Império Britânico, e dos Estados Unidos desde meados do século XX, o inglês tem sido amplamente disperso em todo o planeta, tornando-se a principal língua do discurso internacional e uma *língua franca* em muitas regiões. O idioma é amplamente aprendido como uma segunda língua e usado como língua oficial da União Europeia, das Nações Unidas e de muitos países da *Commonwealth*, bem como de muitas outras organizações mundiais. É o terceiro idioma mais falado em todo o mundo como primeira língua, depois do mandarim e do espanhol (WIKIZERO, 2021, p. 1).

Atualmente, o inglês é a terceira língua mais falada no mundo, ficando no *ranking* atrás apenas da China e da Espanha. Os países com maior população de falantes nativos de Inglês são, em ordem decrescente, os seguintes: Estados Unidos (215 milhões), Reino Unido (61 milhões), Canadá (18,2 milhões), Austrália (15,5 milhões), Nigéria (4 milhões), Irlanda (3,8 milhões), África do Sul (3,7 milhões), e Nova Zelândia (3,6 milhões) (WIKIZERO, 2021).

Ela é língua oficial em mais de 55 países e organizações como a ONU e a OTAN. Como segunda língua oficial ela é falada em mais de 60 países. O número de falantes nativos é de aproximadamente 430 milhões e o de não nativos é de aproximadamente 950 milhões. Uma entre cinco pessoas no mundo fala inglês como língua nativa, segunda língua ou língua estrangeira (POLÍDÓRIO, 2014, p. 340).

Nesse sentido, o ensino da língua inglesa deve corroborar para a compreensão de que, pelo sujeito que a estuda, sua identidade nacional não é a única possível, da mesma forma que não é melhor, mas uma dentre diversas outras praticadas por comunidades mundo afora. O escopo da disciplina deve levar o entendimento para os alunos de que há várias identidades diferentes da sua, que também precisam ser respeitadas em suas singularidades. O aprendizado da língua inglesa deve visar contribuir para a melhor compreensão dos processos que posicionam os indivíduos e as comunidades em relação de poder, sendo esta não uma revelação da essência dos indivíduos, mas representações simbólicas das pessoas (JORDÃO, 2004).

A partir disso, faz-se necessário entender quais as condições políticas, sociais e estruturais que constroem a formação de língua inglesa na sociedade brasileira, tendo em vista os múltiplos problemas enfrentados na prática escolar pelos professores e alunos.

Compreendemos que o aprendizado da língua inglesa está associado não apenas ao repasse dos conhecimentos gramaticais e vocabulário, mas também com a construção do reconhecimento de múltiplas culturas de modo que não haja o apagamento ou desmerecimento

da própria cultura, mas que haja uma soma de conhecimentos e desenvolvimento de tolerância com o diferente. Dessa maneira, a língua inglesa vem acompanhada de uma racionalidade crítica sobre a sua função global, as culturas que ela representa e as implicações do seu prestígio social. Com isso, é possível ter o ganho do aprendizado da língua e da sua carga sociocultural. Segundo Silva (2019),

Os motivos para se aprender inglês precisam enfatizar a ideia de que a comunicação com outros falantes não-nativos de inglês ao redor do mundo é relevante. Além disso, outras variedades da língua inglesa que não apenas norte-americana ou britânica precisam ser apresentadas aos alunos no desenvolvimento das habilidades receptivas e nas de compreensão, assim como os temas trazidos para a sala de aula, os quais abrangem questões sociais de alcance global, precisam ser ampliados. Além disso, faz-se necessária uma maior conscientização sobre o papel das línguas nas sociedades e, especialmente, do inglês como língua de comunicação internacional, bem como sobre sua expansão no mundo e sua vinculação com a [atual] globalização econômica (SILVA, 2019, p. 161).

Nesse sentido, o aprendizado da língua inglesa é construído dentro da sua complexidade e não de maneira meramente técnica. No entanto, ainda são muitos os problemas enfrentados pelos professores para o desenvolvimento do aprendizado do inglês nas escolas.

Dentre os desafios encontrados pelos professores em sala de aula há a própria descrença dos alunos da sua capacidade em aprender outro idioma. Segundo Marzari et al (2015, p.14), “os alunos saem da escola sem aprender uma língua estrangeira de forma eficiente, pois acreditam que precisam falar a língua alvo fluentemente para provar que realmente a conhecem”. Além disso, não dão credibilidade para importância que o aprendizado do inglês pode ter, pois compreendem que a sua utilidade se dá apenas para viagens internacionais (MARZARI et al, 2015).

O professor tem um papel fundamental nesse sentido, pois compete a ele mostrar aos alunos a importância de aprender uma língua estrangeira, principalmente na sociedade contemporânea, tendo em vista as múltiplas possibilidades de interação e comunicação que estão cada vez mais disponíveis aos indivíduos (MARZARI et al, 2015, p.14).

Além disso, a falta de segurança dos professores de inglês por se acharem incapacitados também se mostra um problema. Soma-se a ele o fato de haver carência de docentes com formação específica na área, o que implica em professores de disciplinas diferentes tendo que ministrar aulas de língua inglesa mesmo não possuindo as habilidades linguísticas e competência metodológica adequadas para assumir a disciplina (MARZARI et al, 2015).

Outros fatores estruturais também fazem do ensino de língua inglesa nas escolas brasileiras um grande desafio. Dentre elas, Camargo et al (2017) aponta três principais problemas: a alta vulnerabilidade social que constitui a grande maioria das escolas públicas, no qual os alunos convivem com a violência, medo, insegurança, e sentimentos de desconforto e não pertencimento; a existência de turmas excessivamente numerosas e heterogêneas, o que

dificulta e, muitas vezes, impossibilita, um ensino que atenda e alcance todos os alunos de modo que possam trabalhar a comunicação e oralidade; e as condições de trabalho dos professores de inglês que apresentam problemas de contratação que são instáveis, pois são feitos contratos temporários, normalmente cobrem as lacunas de professores concursados, precisam lecionar em várias escolas e pegam as piores turmas, o que desestimula a criação de vínculo entre docente e discente e não permite a continuidade do aprendizado.

Ainda dentro da precariedade do trabalho dos professores de inglês, acrescenta-se a extensa jornada de trabalho, pois além da sala de aula há o serviço que é levado para casa. Além disso, soma-se a questão salarial que é bem baixa, pois não considera o tempo de planejamento das aulas, elaboração de provas, correção dos trabalhos dos alunos ou das provas aplicadas, sendo apenas o tempo em sala de aula (CAMARGO et al, 2017).

Compreende-se, assim, que o ensino da língua inglesa no Brasil não escapa dos problemas estruturais do sistema educacional brasileiro, o que faz com que haja a reprodução da má formação do idioma, ora pela insegurança dos alunos, reflexo de suas condições sociais, ora pelas barreiras enfrentadas pelos professores para dar conta de viabilizar o ensino. Porém, o resultado acaba sendo a reprodução da precariedade, mantendo a possibilidade de desenvolver o domínio da língua inglesa apenas para aqueles que podem arcar com custos extras para sua educação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Buscando estudar o processo histórico de institucionalização da língua inglesa a partir da sua inserção dentro da sociedade brasileira e em seu sistema educacional, estudando a importância que a sua influência representa, a fim de compreender de que maneira o ensino da língua inglesa foi estruturada no Brasil, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativa de natureza exploratória, a qual ocorreu mediante um levantamento bibliográfico.

A pesquisa exploratória consiste em estudos que têm como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41). Dessa forma, constitui um excelente meio para alcançar o objetivo do trabalho, tendo em vista que é flexível de acordo com o que é estudado.

O levantamento bibliográfico, por sua vez, apresenta-se como um dos principais métodos da pesquisa exploratória. Segundo Gil (2002), é o tipo de estudo que baseia-se nas produções já realizadas sobre o tema explorado, principalmente livros e artigos científicos. Ainda de acordo com o autor, “embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes

bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas” (GIL, 2002, p.44).

Com isso, foram pesquisados artigos, anais, dissertações e livros que trabalhassem o tema abordado no trabalho a partir das palavras chaves “trajetória da língua inglesa”, “disciplina escolar língua inglesa” e “currículo escolar língua inglesa”. Para a busca desses materiais foram utilizadas as plataformas acadêmicas digitais Google Acadêmico e o repositório digital Portal de Periódicos Capes. A fim de garantir a proximidade com o objetivo na pesquisa, foram criados os seguintes critérios de inclusão (CI):

1. Discutir como se originou a língua inglesa e como se disseminou;
2. Abordar como a língua inglesa se constituiu como disciplina no Brasil;
3. Está publicado em língua portuguesa;
4. Compreender o período de 2010 a 2022;

Além disso, também foram estabelecidos os critérios de exclusão, sendo eles a apresentação de duplicidade e não ter proximidade com o tema abordado.

Partindo disso, as produções encontradas estão dispostas na tabela 01 com os filtros utilizados:

Tabela 01: resultado do material de pesquisa de acordo com os filtros

	Filtro	Produções
Google Acadêmico	"Trajetória da língua inglesa", "Disciplina escolar língua inglesa" e "Currículo escolar língua inglesa" Período: 2010-2022 Idioma: Português	15.800
Periódicos CAPES	"Trajetória da língua inglesa", "Disciplina escolar língua inglesa" e "Currículo escolar língua inglesa" Período: 2010-2022 Idioma: Português	32

Fonte: Elaborado pela autora

Após a aplicação dos filtros, foram sistematizados 5 artigos que atendiam aos critérios estabelecidos para a pesquisa. A análise se dará a partir da leitura dos trabalhos encontrados, identificando os conteúdos que contribuem para o desenvolvimento desta pesquisa.

Tabela 02: disposição dos trabalhos após o filtro

Autor/a	Trabalho	Tipo	Ano
Miranda, Silva Conceição	Ensino de língua inglesa no Brasil, políticas educacionais e a formação do sujeito da educação básica	Dissertação	2015
Silva, Flávia Matias	Dos PCN LE às OCEM: o ensino de língua inglesa e as políticas linguísticas educativas brasileiras	Artigo	2015
Santos, E. S. de. S. e.	O Ensino da língua inglesa no Brasil.	Artigo	2011
Polidório, Valdomiro	O Ensino de Língua Inglesa no Brasil	Artigo	2014
Bocca, Sofia	Língua inglesa no Brasil, reformas educativas e métodos de ensino: aspectos de uma trajetória disciplinar	Artigo	2019

Fonte: Elaborado pela autora

Uma vez apresentado os procedimentos metodológicos adotados para estudo, abordaremos, na próxima seção, a análise dos dados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A dissertação de Miranda (2015) intitulada “Ensino de língua inglesa no Brasil, políticas educacionais e a formação do sujeito da educação básica” investigou o ensino a Língua Estrangeira, especificamente a Língua Inglesa no Brasil, a partir da análise das relações entre as políticas educacionais nacionais e internacionais, por meio de um estudo bibliográfico e documental. A autora aponta que a influência britânica no território brasileiro tem início no período colonial, em 1809, com as relações estabelecidas da Coroa Portuguesa que fugiu para o Brasil após sofrer represálias da França com Napoleão Bonaparte, pois, mesmo com o Bloqueio Continental imposto pela França, Portugal continuou mantendo relações comerciais com a Inglaterra. Nesse sentido, conforme trazido pela autora, os ingleses passaram a ter influência em todos os aspectos da vida brasileira: no mercado, nos investimentos em títulos de empréstimo do governo, em companhias mineiras, em estradas de ferro, nos costumes de moradias, na moda, nos móveis e objetos das casas. Segundo ela,

Por intermédio dessa invasão comercial, política e econômica da Inglaterra sobre o Brasil, este passa a incorporar, de forma indireta, a cultura inglesa. A interferência inglesa na cultura brasileira passa a despertar o interesse por vários aspectos da cultura britânica. A leitura de romances estrangeiros, especialmente os ingleses, serviu de inspiração a diversos escritores brasileiros, dentre eles: José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis. Essa presença de autores ingleses nas escolhas temáticas e ideológicas de alguns escritores brasileiros resultou em alguns hibridismos (interculturais), abrindo espaço para uma literatura crítica que, ora retratava a cultura do outro como sendo algo positivo ora tecia duras críticas à influência de países estrangeiros (MIRANDA et al, 2015, p. 29).

Neste sentido, foi percebido que a política cultural do modelo britânico foi introduzida no cotidiano brasileiro que internaliza sua língua e seus costumes. Com a consolidação do imperialismo britânico, houve a necessidade e interesse dos governantes em instituir o ensino da língua inglesa no Brasil, a partir do Decreto de 22 de junho de 1809, assinado por D. João e da Decisão nº 29 – Resolução de Consulta da Mesa do Desembargo do Paço de 14 de julho de 1809, o que motivou a criação da primeira cadeira pública de língua inglesa. Com isso, legitima-se o ensino da língua inglesa com o objetivo de favorecer os novos interesses comerciais dos ingleses (MIRANDA, 2015).

Miranda (2015) explica que a partir de 1920, surge o cinema norte-americano constituindo um grande intensificador da cultura dos países de língua inglesa. A ele, soma-se a rádio e depois a televisão que também serão propagadores da cultura e língua norte-americanas. Com isso, em 1930, no governo Vargas, são feitas algumas modificações educacionais com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública a fim de buscar uma formação superior e atender às demandas no mercado, fazendo, assim, com que fosse priorizado línguas vivas e oferecendo a disciplina de língua inglesa nos três dos cinco anos do ensino fundamental.

A referida autora acentua ainda as reformas que ocorreram em 1942 conhecidas como as Reformas Educacionais Capanema, feitas pelo Ministro Gustavo Capanema, que contribuiu incluindo na organização da matriz curricular, o estudo das línguas estrangeiras “clássicas”¹⁰ e “modernas”¹¹ ou “vivas” no 1º ciclo oferecendo o estudo da língua inglesa, francesa e latim; e no 2º acrescenta-se o ensino de inglês como optativo ao lado da oferta do latim e espanhol obrigatórios. Essa proposta visava proporcionar cultura geral e humanística na formação dos sujeitos educandos para o ensino secundário (MIRANDA, 2015).

Silva (2015) reflete em sua produção “Dos PCN LE às OCEM: o ensino de língua inglesa e as políticas linguísticas educativas brasileiras” acerca das políticas linguísticas, trazendo para o debate o modo como as línguas estrangeiras, em especial o idioma inglês, tem em sua trajetória brasileira enfrentado problemas de qualidade, principalmente se tratando das

camadas menos abastadas da sociedade. Mesmo com o crescimento do interesse da língua inglesa no Brasil, desde o período colonial, a eficiência da sua formação não chega a todos de maneira satisfatória, o que a autora coloca como uma legitimação pela escola das desigualdades sociais, tendo em vista que colabora para a preservação da hegemonia da classe dominante.

Não seria exagero afirmar que a atual desigualdade social e cultural é predominante no contexto escolar há tempos. Diversos fatores que corroboram com esse fato poderiam ser citados: a diminuição da carga horária dedicada ao ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas e privadas da educação básica, a falta de investimento na qualificação dos profissionais que atuam, principalmente, no setor público, a ideia de que a língua inglesa dificilmente é aprendida na escola regular. E muitos outros fatores que tornam o ensino de língua inglesa no Brasil precário para muitos e eficaz para poucos (SILVA, 2015, p. 6).

A autora Silva (2015) discute ainda sobre o caminho percorrido para a institucionalização do ensino de língua inglesa na sociedade brasileira que se iniciou em conjunto com outros idiomas em 1837 com a criação do Colégio Pedro II, depois, em 1930, com o Ministério da Educação e da Saúde Pública que dar 17 horas semanais para o ensino de Francês e Inglês nas turmas de 1º a 4º série (nove horas para o francês e oito para o inglês), a reforma de Capanema em 1942 que trouxe mais prestígio à língua inglesa. No entanto, Silva (2015) aponta que, mesmo com o crescimento do prestígio da língua inglesa devido à influência estadunidense no pós guerra, o idioma sofreu retrocessos com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961 e de 1971 que retirou a obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras no ensino médio, deixando a cargo das escolas a sua inclusão nos currículos, a partir da ideia de que inglês não se aprende na escola, o que, por sua vez, fez com que crescesse significativamente a quantidade de cursos livres de inglês. Isso salientava o modo como as políticas linguísticas buscaram servir às elites, que eram os grupos capazes de custear esses cursos e formação de qualidade. Esse cenário começa a ser revertido em 1996 com o retorno da língua inglesa no currículo escolar.

Silva (2015) ainda reflete sobre a disposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua inglesa para o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Para o primeiro há uma ênfase ao ensino da leitura em língua inglesa, o que a autora avalia como importante, tendo em vista que apresenta uma relevância dentro do contexto social dos aprendizes, sendo uma habilidade que irá permanecer com o/a aluno/a após o curso. Já para o Ensino Médio, os PCNs não indicaram uma habilidade específica para ser desenvolvida, trazendo, por sua vez, uma abordagem mais teórica e pouco operacional, sendo avaliado pela crítica como

ineficiente. A autora salienta a necessidade da prática pedagógica da língua inglesa estar associada a uma posição linguística política, trazendo a reflexão crítica e não somente uma construção do saber do idioma de maneira técnica.

Santos (2011) corrobora em seu artigo “O ensino da língua inglesa no Brasil” com as reflexões de Silva (2015). Trazendo a mesma trajetória histórica que as demais produções analisadas sobre a internalização e institucionalização da língua inglesa no Brasil, a autora explica que atualmente essa disciplina é componente obrigatório sendo um direito de todos os cidadãos. Ela acentua que existe duas orientações distintas dos PNCs do Ensino Fundamental e Médio, dando a impressão de que são ensinos de língua estrangeira em dois países distintos, um voltado para a leitura e outro para comunicação. Ela apresenta sua crítica ao refletir sobre a qualidade do ensino de língua inglesa no Brasil.

Mais de dez anos depois da apresentação dos PCN à sociedade, a grande maioria dos alunos ainda não teve a oportunidade de participar de cursos de leitura nos quais eles pudessem ter acesso a, por exemplo: treinamento estratégico, ensino planejado de vocabulário, instruções sobre como explorar um dicionário bilíngüe, textos que contribuam para seu conhecimento enciclopédico e enriquecimento cultural, nem a um ensino que favorecesse o desenvolvimento da competência comunicativa (SANTOS, 2011, p. 2)

Ela acrescenta que as ações concretas para o desenvolvimento suprir as dificuldades encontradas no ensino da língua inglesa nas escolas, principalmente públicas, para atingir seu propósito institucional e o domínio do idioma. O ensino de língua inglesa fica restrito à apresentação das regras gramaticais mais básicas, sem aprofundamento que permita o mínimo de aprendizagem do idioma em si. Assim, as instituições que saem ganhando são as escolas de idiomas privadas que são usufruídas pelas classes mais abastadas e, além disso, apresentam a formação distante do compromisso em promover apreciação e o respeito pelas diferenças e a falta de critérios na escolha dos livros didáticos, adotando livros onde constam situações que reforçam os preconceitos e estereótipos os quais o ensino de línguas estrangeiras poderia ajudar a combater.

O artigo de Polidório (2014) intitulado “O ensino de Língua Inglesa no Brasil”, propôs realizar um estudo sobre este tema dada a tamanha importância que o idioma possui no mundo globalizado. Ele aponta a mesma construção histórica da internalização e institucionalização da língua inglesa no Brasil. O autor explica que a língua inglesa teve um significativo retrocesso com as LDBs de 1961 e 1971, pois estas não incluíram as línguas estrangeiras no currículo das disciplinas. Já a de 1996 modifica essa decisão determinando a

obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira no 1º e 2º graus, correspondentes aos atuais Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O autor ainda aponta as dificuldades enfrentadas no ensino de língua inglesa no Brasil, com os problemas estruturais do sistema educacional que limitam a atuação docente, possibilitando o desenvolvimento do aprendizado do idioma inglês como desejado. Essa má formação, segundo Polidório (2014) acaba contribuindo para uma aculturação dos alunos, com a apropriação acrítica da cultura externa e desvalorização da do próprio país.

O ensino de uma língua não deve ser realizado somente através de estrutura da língua, pois há uma história da formação dessa língua, e isso deve ser ensinado. Temos que ter somente em mente que nós temos a nossa língua materna e nossa história, e que o aprendizado de outra língua deve vir somente para enriquecer nosso conhecimento e não tomar lugar de nossa identidade. E que isso não fique entendido como um falso nacionalismo (POLIDÓRIO, 2014, p. 343)

O artigo de Bocca (2019), “Língua inglesa no Brasil, reformas educativas e métodos de ensino: aspectos de uma trajetória disciplinar” também expõe brevemente a trajetória da língua inglesa como disciplina escolar no Brasil, a fim de entender aspectos de sua inserção, suas características e finalidades no decorrer da história de sua inclusão em processos de escolarização. Dessa maneira, segue a mesma estrutura dos demais artigos, retratando os mesmo aspectos históricos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu observar que a língua inglesa teve sua trajetória na sociedade brasileira intrinsecamente relacionada com as mudanças nas relações de produção, sendo elemento de efetivação da presença externa no Brasil. Tendo sua inserção no período colonial, o ensino da língua inglesa se estruturou dentro da organização da desigualdade social nacional.

Em seu processo histórico, seu prestígio foi se dando à medida que os países falantes da língua foram ganhando os espaços de poder no cenário global. Dessa maneira, tornou-se uma língua importante de se dominar, sendo um elemento de diferenciação na sociedade e no mercado de trabalho. A pesquisa mostra que, em seu processo de institucionalização no Brasil, a língua inglesa foi sendo possibilitada para as classes mais abastadas, tendo em vista que conseguiam arcar com os custos de uma boa educação, ao passo que o ensino para a população mais pobre se fez mais precarizada. Isso é possível observar com a retirada do

ensino de língua inglesa com os PCNs de 1961 e 1971, viabilizando a criação de cursos de idiomas provados.

Sendo uma língua que possui grande influência no mercado de trabalho, essas determinações terminaram contribuindo para a manutenção de desigualdades sociais. Mesmo que atualmente, a língua inglesa faça parte do currículo do ensino básico, percebemos pouca qualidade na oferta desta disciplina dentro de uma estrutura educacional precária, e que contribui minimamente para o desenvolvimento dos alunos, uma vez que o conteúdo é estudado de modo superficial.

Até os dias de hoje são muitos os desafios que os professores enfrentam para a efetivação do ensino de língua inglesa. Mesmo compreendendo a sua função educacional e a vontade de oferecer um aprendizado eficiente, o corpo docente se vê limitado pelas questões estruturais da educação que atingem tanto os professores como os alunos.

A pesquisa apresentou ainda limitação referente ao reflexo socioeconômico da sua institucionalização, precisando observar de que modo a língua inglesa se estruturou de maneira não inclusiva. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de estudar quais as camadas sociais possuem o privilégio de desenvolver a fluência na língua inglesa com cursos particulares e também com a qualidade de ensino privado. No mesmo caminho, analisar como a disciplina no ensino público está estruturadas, seus desafios e potencialidades.

REFERÊNCIAS

- BOCCA, S. LÍNGUA INGLESA NO BRASIL, REFORMAS EDUCATIVAS E MÉTODOS DE ENSINO: ASPECTOS DE UMA TRAJETÓRIA DISCIPLINAR . Cadernos de Pós-graduação, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 29-48, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/14594/7922> Acesso em: 10, maio, 2022.
- CAMARGO, G. Q. SILVA, G. O inglês na educação básica brasileira: sabemos sobre ontem; e quanto ao amanhã?. Ens. Tecnol. R., Londrina, v. 1, n. 2, p. 258-271, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/etr/article/view/7500/4700> Acesso em: 08, maio, 2022.
- JORDÃO, C. A língua inglesa como “commodity”: direito ou obrigação de todos?. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/grupodiscussao32/ClarissaJordao.pdf> Acesso em: 08, maio, 2022.
- MIRANDA, N. C. Ensino de língua inglesa no Brasil, políticas educacionais e a formação do sujeito da educação básica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Pará. Curitiba, 2015. Disponível

em:<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/41447/R%20-%20D%20-%20NILVA%20CONCEICAO%20MIRANDA.pdf?sequence=2&isAllowed=y> Acesso em: 10, maio, 2022.

MARZARI, G. Q. GEHRES, W. B. S. ENSINO DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA E MARTINI, A. M. B. SOARES, I. M. A LÍNGUA INGLESA ATRAVÉS DO TEMPO: AS INFLUÊNCIAS CONSEQUENTES DAS INVASÕES ESCANDINAVAS NAS ILHAS BRITÂNICAS. Revista Philologus, Ano 24, N° 70. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2018. Disponível em: http://www.filologia.org.br/rph/ANO24/70/_RPh70.pdf#page=17 Acesso em: 10, maio, 2022.

MARZARI, G. Q. GEHRES, W. B. S.. Ensino de inglês na escola pública e suas possíveis dificuldades. Thaumazen. Volume 7, Número 14, Santa Maria (Dezembro de 2015). Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/214>. Acesso em: 10, maio, 2022.

MOREIRA, C. DE. S. GOMES, M. D. RESGALA, R. M. Memória e Linguagem: Apontamentos sobre a História Diacrônica da Língua Inglesa. 7 Ed. Revista Transformar, 2015. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/37/34> Acesso em: 10, maio, 2022.

SANTOS, E. S. De. S. E. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL. BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras n.01, dezembro de 2011. Disponível em: http://www.babel.uneb.br/n1/n01_artigo04.pdf#:~:text=ensino%20de%20l%C3%ADngua%20inglesa%20como%20disciplina%20obrigat%C3%B3ria%20no,l%C3%ADnguas%20estrangereiras%20de%20que%20se%20conhecia%20na%20%C3%A9poca. Acesso em: 10, maio, 2022.

SILVA, F. M. da. O ensino da língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(58.1): 158-176, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/4xfG8MrF5LPr6bP78G5z65h/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10, maio, 2022.

SILVA, F. M. Dos PCN LE às OCEM: o ensino de língua inglesa e as políticas linguísticas educativas brasileiras. / Pesquisas em Discurso Pedagógico 2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24801/24801.PDFXXvmi> Acesso em: 10, maio, 2022.

POLIDÓRIO, V. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL. Travessias, Cascavel, v. 8, n. 2, 2014. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/10480>. Acesso em: 15 maio. 2022.

WIKIZERO. LÍNGUA INGLESA. 2021. Disponível em:https://www.wikizero.com/pt/L%C3%ADngua_inglesa Acesso em: 15 maio. 2022.